

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

### AS VARIAÇÕES DE HONG SANG-SOO

13 de Janeiro de 2020

## GEU-HU / 2017

### O DIA SEGUINTE

um filme de HONG SANG-SOO

*Realização, Argumento, Música:* Hong Sang-soo *Fotografia:* Kim Hyung-ku *Som:* Jihoon Seo, Kim Mir *Montagem:* Hahm Sung-Won *Interpretação:* Kwon Hae-hyo (Kim Bongwan), Kim Min-hee (Areum), Kim Sae-byuk (Lee Changsook), Jo Yoon-hee (Song Hae-joo).

*Produção:* Jeonwonsa Film (Coreia do Sul, 2017) *Produtor:* Hong Sang-soo *Cópia:* Leopardo Filmes, DCP, preto-e-branco, legendada em português, 92 minutos *Título internacional:* THE DAY AFTER *Estreia:* 22 de Maio de 2017, no Festival Internacional de Cinema de Cannes *Estreia comercial em Portugal:* 23 de Novembro de 2017, nos cinemas Monumental (Lisboa) e Porto Alegre (Porto) *Primeira exibição na Cinemateca.*

---

No diálogo interno dos filmes de Hong Sang-soo, as conversas são como as cerejas. Nesta roda – ou nesta ronda – a causa não se faz só de repetições e variantes. Entram também os pequenos apontamentos, pistas, deixas. Ao cabo de uma vintena de filmes uma pessoa dá por si a pensar numa cena que reunisse à mesma mesa o pleno das personagens de Hong Sang-soo a esgrimirem pontos de vista, obsessões, desgostos, dilemas, conflitos, estados de alma. E não parece inverosímil, mesmo que tantas delas venham da carne e da pele dos mesmos actores. Hong Sang-soo resolveria a coisa a bem, pensa uma espectadora animada.

N’O DIA SEGUINTE, a longa-metragem de Hong Sang-soo que no capítulo dos títulos evoca as jornadas de “O DIA EM QUE UM PORCO CAIU A UM POÇO” e “O DIA EM QUE ELE CHEGA”, que na dimensão meteorológica alinha com as tantas “obras de Inverno”, que no registo cromático está do lado da “VIRGEM DESNUDADA PELOS SEUS PRETENDENTES” e “O DIA EM QUE ELE CHEGA”, de GRASS e “HOTEL À BEIRA-RIO”, que faz parte da sua filmografia com Kim Min-hee (e por aí fora, se pensarmos nos demais actores, intrigas triangulares, temporalidade múltipla, etc.), podemos começar por notar a declaração de fé nos livros. Nesse caso, O DIA SEGUINTE volta a uma ponta solta do “FILME DE OKI”. “Vamos dedicar-nos à leitura. Num mundo tão destroçado, só os livros podem salvar-nos”, ouve-se aí. Aqui, um filme em que tudo se passa à volta de uma pequena editora, cujo “patrão”, como Bongwan se auto-apelida, é também escritor (Kwon Hae-hyo, actor de Hong desde NOUTRO PAÍS), a salvação pelos livros acode à personagem da rapariga a quem ele dá emprego por um dia escutando-a menos que ela a ele (Kim Min-hee, na personagem de Areum, tal e qual o nome da mulher que interpreta em “HOTEL À BEIRA-RIO”, uma jovem poeta em perda amorosa que ouve a poesia do velho escritor, o pai protagonista desse filme de laços consanguíneos). O diálogo não é entre os dois, é entre a rapariga e o taxista que a transporta na noite em que esse dia se volve quando a neve vem cair para tornar tudo mais límpido. Ela traz um pacote de livros, escolhidos na editora como prémio de consolação, e tira um volume que começa a folhear. Os livros ajudam-na a viver? pergunta o taxista. “Sim. Um bocadinho.”

É uma cena perto do fim, depois da qual há uma espécie de epílogo que confirma como momentos que são importantes para uma pessoa passam ao lado de outra com quem foram partilhados como ocasiões de intimidade. Um pouco o reverso do que a personagem de Joseph Cotten testemunha em CITIZEN KANE quando conta o episódio da visão da mulher a sair de um comboio que lhe deixou uma memória extraordinária toda a vida. Jedediah Leland confessa a perturbação de quem não imagina que há-de lembrar-se tanto de um instante

tão fugaz. Como acontece a outras personagens femininas de Hong Sang-soo em filmes de homens esquecidos, custa a crer a Areum que aquele homem com quem conviveu num dia cheio de peripécias dramáticas não se lembre. Mais, que não se lembre a ponto de repetir perguntas já respondidas noutras conversas ou de fazer propostas já aceites e resolvidas, tão triviais como a comida chinesa de um restaurante de bairro ou um lote de livros a retirar das estantes. No fundo, custa a crer a Areum que uma conversa tida por pessoal e intransmissível, que envolveu reflexões filosóficas e desabafos existenciais, venha a revelar a sua mecânica, repetível e nem por isso pessoal.

“Os seres humanos metem dó”? Vem à memória uma frase terrível de *O Sonho* de Strindberg, que não consta que seja referência nem deste filme nem deste cineasta. Mas a peça, que encena um diálogo entre uma deusa e um mortal, também deixa o homem concluir que não, não é uma questão de meter dó, os seres humanos são assim. No fim deste filme – a ele voltamos – Bongwan tem um gesto vagamente redentor, quando vem oferecer um último livro a Areum já de saída, porventura ajudando-a a viver “um bocadinho” melhor aquele desfecho humanamente decepcionante. Trata-se de um romance de 1909 do escritor japonês Natsume Soseki, *Sorekara* (“O Dia Seguinte” ou “Depois do que se Passou”) e daí vem o título do filme. Daí e da coincidência de no dia da filmagem ter sido esse o livro de Soseki encontrado no “cenário” da editora quando Hong Sang-soo pediu um exemplar de *Kokoro* (“Coração”) para filmar a cena do presente da despedida entre Bongwan e Areum. Qual é “o dia seguinte” a que o título alude? Aí está uma pergunta a que cada qual responderá por si.

À parte o epílogo, a acção concentra-se num dia de intensidade emocional ao rubro que acompanha Bongwan desde as quatro e meia da manhã em que se levanta na casa onde vive com a mulher, dirigindo-se à sua rotina na sua pequeníssima editora depois de uma travessia pela cidade deserta. Salvo erro pela única vez num Hong Sang-soo, não entramos no filme pela mancha de cor de um plano de genérico (nos dois filmes seguintes, a “mancha” é a branco e tem umas silhuetas ou umas silhuetas e créditos falados, uma peculiaridade do filme “à beira-rio”). Entramos no DIA SEGUINTE dentro de uma casa e quase de rompante num grande plano do relógio de parede que marca as horas (deixando no filme o rasto do quotidiano do dono da editora em que Hong filmou, contou ele a propósito). Nessa primeira sequência, o pequeno-almoço é intempestivo: a desconfiança ciumenta da mulher de Bongwan é insistente, mas por ele contradita e negada. Aos primeiros passos na rua, somos levados a crer que havia razões para a discussão. E logo a questão da infidelidade conjugal parece menos assunto que a desonestidade do homem, capaz de tão bem mentir (até a mulher vacila, enviando-lhe um SMS em que pede desculpa pelo exagero matinal que a acometeu). Ver-se-á que Bongwan sofre da cobardia confrangedora que deita muito mais a perder, como falha de carácter, que outra falha de conduta.

Nessa sequência inicial de rua – com subterrâneos, edifícios altos, pontes com vista sobre o trânsito, cantos poucos comuns no cinema de Hong – os tempos imiscuem-se pela primeira vez no filme, e os flashbacks ou cenas rememorativas mais ou menos ancoradas na realidade dos factos permitem reconstituí-los segundo Bongwan. Tempos diferentes podem conviver na mesma imagem, convocados pela travessia do espaço pela personagem. Mas também há que notar a sobreposição dos planos factuais que lhe passam pela cabeça a partir do momento em que Aerum entra na editora. Então, os raccords fazem-se entre planos e cenas que o mostram, em alturas diferentes, com a antiga empregada-ex-amante e com a nova empregada-recém-chegada, chegando a baralhar-nos quando o trio se reúne pela primeira vez no mesmo plano e na mesma dimensão temporal.

Na verdade, os trios vão variando, conforme a comparência em campo das três mulheres com quem Bongwan tem de haver-se nesse dia, dando azo aos equívocos e mal-entendidos que podem ser só trágicos, ou só cómicos, mas também de violência inusitada ou de vileza bufa. Sucede na sequência da agressão física de Areum pela mulher de Bongwan, que a confunde, irreduzível, com a destinatária do poema do marido acidentalmente encontrado em casa. E sucede, no segundo exemplo extremo, na sequência em que Bongwan e a ex-amante-reencontrada maquinam um enredo com que pensam “salvar-se” como casal arrastando para mais enganar as outras duas mulheres. Talvez seja a cena mais vil alguma vez filmada por Hong Sang-soo, só despojada da sua fealdade pelo apontamento de humor que nota como, acusados de demoníacos (em nova intervenção telefónica

da mulher legítima), aqueles dois se dispõem a interpretar os papéis de demónios de opereta. Se “O DIA SEGUINTE” é um filme assombrado pelo negrume não deixa, felizmente, de ser temperado pelo desconcerto do sentido de humor que põe as coisas no lugar nos filmes de Hong Sang-soo.

Sem surpresa para quem a lembra em “NA PRAIA À NOITE SOZINHA”, onde a sua personagem promete a si mesma aprender a viver graciosamente (no sentido bressoniano do termo, *tudo é graça*), Kim Min-hee traz para este filme, todo construído à roda da personagem masculina, a espiritualidade, a gravidade, a beleza. É uma presença muito forte, desde que aparece para discutir o que é a realidade e o que são os discursos sobre a realidade com o escritor que está menos à altura das palavras do que ela, jovem leitora. Por isso é dela a cena mais límpida, no carro à noite sozinha. Essa já aludida cena em que uma conversa de ocasião sobre o que podem os livros é rematada pela “dádiva” da queda de neve em flocos é provavelmente a mais bonita do filme. Num momento de suspensão que faz lembrar um outro nocturno com neve no “CONTO DE CINEMA”, a cena no carro faz parte do tempo em que Hong Sang-soo deixou de ter medo de filmar planos intrinsecamente bonitos.

Mas não acabando este texto pela beleza que se encontra num filme em que um homem covarde acaba, por assim dizer, por ver-se ao espelho, notem-se umas pontas que podem ver-se “soltas” no “DIA SEGUINTE” e retomadas em GRASS e “HOTEL À BEIRA-RIO”: o fundo da aparelhagem com a imagem dos compositores no recanto das conversas e do café na editora há-de tornar-se audível em GRASS, em que a música clássica invade o café de um melómano; a parede e a porta envidraçadas da editora deste filme, alargam-se nas que volatilizam a separação entre o interior e o exterior da paisagem no “HOTEL À BEIRA-RIO”, quase queimado pelo branco.

Maria João Madeira